

**XV ENCONTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS DO NORTE E NORDESTE
e PRÉ-ALAS BRASIL.**

04 a 07 de setembro de 2012, UFPI, Teresina-PI.

GT10 - Relações de gênero e entre as gerações.

**"O tempo bom do Farol": prostituição, gênero e distinção nas trajetórias
de ex-prostitutas idosas.**

Érika Bezerra de Meneses Pinho.
Universidade Federal do Ceará.
erikabmp@gmail.com

Este artigo apresenta alguns aspectos discutidos em minha dissertação de mestrado, que teve como objeto de análise as trajetórias de vida de ex-prostitutas idosas, a partir das narrativas orais das personagens em questão. As mulheres pesquisadas moram nas proximidades do Farol do Mucuripe, na região portuária de Fortaleza, na comunidade do Serviluz, bairro do Cais do Porto. O bairro de moradia é, para cada uma delas, o cenário modificado de suas lembranças de juventude.

A área, que ainda abriga alguns bares que funcionam como prostíbulo, já foi uma zona de meretrício com todas as características dos cenários de prostituição em regiões portuárias: até o início da década de 1980, apinhavam-se, pelas ruas principais, casinhas estreitas, com a entrada ocupada por bares e dancings com som alto, decoração com motivos náuticos e, por vezes, luz negra. Nos fundos das casas, diminutos quartos serviam, durante o dia, para o repouso das moradoras e, durante a noite, para o comércio do sexo¹. Nas referidas décadas, o porto do Mucuripe recebia navios com bandeiras de várias nacionalidades, de forma rotineira². A circulação constante de marítimos holandeses, dinamarqueses, norte-americanos, japoneses e alemães, entre outras nacionalidades, configurava uma cultura local com características cosmopolitas. Os encontros interculturais forjavam, entre as mulheres nativas, novos desejos e idealizações sobre as masculinidades, de modo que se contrapunham as características dos homens locais àquelas atribuídas aos estrangeiros, sendo que os últimos ganhavam, normalmente, a preferência das prostitutas - fosse pelo pagamento em dólar ou por características das culturas estrangeiras que se tornaram apreciadas pelas nativas (ANJOS JUNIOR, 1983; NOGUEIRA, 2006; PINHO, 2006; SÁ, 2010)³.

¹ Uma descrição desse cenário, no início da década de 1980, pode ser vista na etnografia "A serpente domada", realizada por Anjos Junior (1983), na região.

² A queda no movimento do porto foi determinada, entre outros fatores, pela inauguração do Terminal Portuário do Pecém, no ano de 2002, no município de São Gonçalo do Amarante, a sessenta quilômetros de Fortaleza. Por sua localização estratégica e pela infraestrutura capaz de receber navios de maiores proporções, tem substituído o Porto do Mucuripe como ponto de passagem de rotas internacionais.

³ Os autores citados nesse parágrafo realizaram pesquisas que também tiveram o Serviluz como campo. Anjos Junior, que investigou a condição da prostituta de baixo meretrício, constatou a precedência dos clientes estrangeiros sobre os locais, naquela zona de meretrício. O dado foi confirmado e citado em pesquisas posteriores, a exemplo da etnografia de Leonardo Sá, que tematiza as relações entre jovens da favela localizada no bairro, e do trabalho de André Nogueira, sobre o processo histórico de formação daquela comunidade. Em ambos os autores, a zona de prostituição é apresentada na discussão sobre a história do Serviluz, e confunde-se com a gênese do bairro. O fascínio das prostitutas locais pelas

Os aprendizados proporcionados por estes encontros interculturais eram muito valorizados pelas mulheres, a ponto que as histórias de *amigos*⁴ e amores estrangeiros foram se constituindo, para minhas entrevistadas, em fatores distintivos, acionados para uma estratégia que as desidentificava da figura estigmatizada da prostituta, enquanto permitia legitimar sua própria trajetória pessoal como prostitutas. Esse aspecto, das estratégias de legitimação, deve ser discutido mais adiante, neste artigo.

As entrevistadas e o projeto biográfico

As mulheres cujas falas são citadas nesse artigo continuam morando na localidade que as recebeu, nas proximidades do cais do Porto, vivendo de suas aposentadorias e da ajuda dos filhos. Morando no local em que exerceram o meretrício por algumas décadas (notadamente entre o início dos anos 60 e os meados da década de 80), essas mulheres se autodenominam como as *fundadoras do Farol*, e são assim reconhecidas pela comunidade como um todo.



Figura 1 O Farol do Mucuripe, retratado em aquarela de 1957, do artista plástico belga Georges Wambach (1901-1965).

masculinidades estrangeiras também foi um dado encontrado na monografia que realizei no Serviluz em 2006, que teve como objeto narrativas afetivas de quatro prostitutas de um bar local.

⁴ Elaborei uma discussão mais aprofundada da categoria êmica “amigos” no artigo “Memórias de mulheres e amigos: interesse e afeto no meretrício de Fortaleza (1960-1980)” (PINHO, 2012), apresentado na 28ª Reunião Brasileira de Antropologia.

Essas idosas, que cumprem o papel de guardiãs das memórias do local, já viviam da prostituição antes de terem migrado para a zona portuária. Elas se estabeleceram na região, então inóspita - sem água encanada ou saneamento, na década de 1960, quando tiveram suas casas de prostituição removidas da faixa litorânea do bairro Mucuripe, com vistas à construção da atual avenida Beira-Mar. Glória, Dorinha, Maria Angelina, Dircinha, Novinha e Augusta, com, respectivamente, 55, 64, 67, 73, 72 e 82 anos, são as personagens citadas nesse artigo. Durante o período da pesquisa, foram realizadas entrevistas semidirecionadas, aliadas a estratégias próprias do fazer etnográfico, que incluíram a interpretação dos significados culturais presentes nas falas e práticas das pesquisadas, assim como a presença da pesquisadora no Serviluz, de modo a conhecer suas práticas cotidianas e criar uma rede de relações própria ao desenvolvimento do trabalho.

Para a pesquisa de mestrado que realizei entre 2010 e 2012, desenvolvi laços com a comunidade, tendo como meu ponto de fixação no local o bar e a casa de Karla, uma líder comunitária local que conheço há alguns anos e que me apresentou a algumas das entrevistadas, suas vizinhas. Outras mulheres, moradoras de outras áreas do Serviluz, se tornariam minhas conhecidas por meio de indicações de vizinhos e das próprias entrevistadas. Ao longo dos dois anos, tornei-me uma presença frequente, realizando cerca de três entrevistas em profundidade, gravadas, com cada um das mulheres, e um sem-número de conversas informais, nos finais de tarde, nas calçadas das casas das pesquisadas.

Neste sentido, é importante destacar que se encontravam, entre as entrevistadas, mulheres desejosas de se colocar em discurso - uma tendência que, de forma empírica/intuitiva, me permito afirmar que se acentuava conforme a idade da entrevistada. Percebi, nas mulheres mais idosas com as quais pude falar, o afã de rememorar a própria história, o que vinha ao encontro da pesquisa que eu pretendia empreender⁵. Em que pesasse a generosidade e *hospitalidade* de minhas entrevistadas, dispostas a acolher

⁵ Lembro-me aqui do comentário da professora Alda Britto da Motta, a respeito do afã de escrever memórias ou deixar algum registro da própria existência, observado entre pesquisados/as idosos/as, em comunicação oral, por ocasião da defesa de dissertação da colega Nathália Sobral de Souza, em 31 de maio de 2012, na Universidade Federal do Ceará, intitulada "Do mundo do texto ao mundo da vida: recepção de narrativas literárias de Clarice Lispector e Lygia Fagundes Telles por mulheres idosas".

uma pessoa de fora da comunidade e prestar-lhe informações pessoais para um trabalho acadêmico, elas também tinham uma contrapartida na escuta atenta e respeitosa, e se mostravam satisfeitas em ver que eram reconhecidas como personagens históricas, fundadoras da comunidade do Serviluz. “Volte mais vezes, minha filha. Seu papo é muito *sadio*”, me disse Novinha ao final de nosso segundo encontro, na varanda de sua casa. Filhos e filhas das entrevistadas também davam mostras de que valorizavam o trabalho que estava a ser feito com a colaboração de suas mães. A alguns deles, que se manifestaram a respeito, interessava ter acesso, posteriormente, a uma cópia das narrativas transcritas, que seria uma forma de registro da história de vida de suas mães. Mas o que cumpre destacar, nesse aspecto, é sobretudo a vontade das idosas de se colocar em discurso. Inclusive, porque, se essas são mulheres que desejam falar, ou que não escondem sua história, isso também deve ser problematizado. A fala, como se sabe, não é desinvestida de intenções, e, no contexto pesquisado, aparece como forma de reelaboração, de forma positivada, da experiência vivida.

Cumpre relatar aqui que, a despeito das minhas expectativas no início do trabalho de campo, a velhice não foi tema central dos assuntos nas falas das mulheres pesquisadas. Minhas próprias tentativas de direcionar a temática das conversas resultaram pouco produtivas, na medida em que as idosas estavam muito mais interessadas em me contar o passado, em ter uma ouvinte atenta interessada em registrar suas reminiscências. Assim, a velhice perpassa os discursos como tema transversal, e como fator de motivação das conversas e do vínculo entre pesquisadora e pesquisadas. Posso afirmar que momento da vida das entrevistadas foi determinante de sua participação na pesquisa, se considero que a comunidade do Serviluz, que se tornou o campo desta pesquisa, já ensejou inúmeras incursões de pesquisadores e jornalistas, causando um certo grau de saturação do campo e das pessoas que lá habitam. A maioria das minhas entrevistadas afirma, por sua vez, já ter colaborado para alguma pesquisa social ou matéria jornalística anteriormente. Desta feita, as entrevistadas que consideram ter chegado à velhice⁶ se engajam nessa

⁶ Para esta pesquisa, a classificação “idosas” é estabelecida conforme o autoconceito das entrevistadas, em detrimento do estabelecimento de uma idade determinada. As seis personagens cujas trajetórias aparecem neste estudo possuíam entre 55 e 82 anos à época das entrevistas.

pesquisa motivadas pelo desejo de registrar a própria trajetória, pelo afã de deixar um legado. No início da pesquisa, Dorinha me pergunta se eu poderia ajudá-la a fazer “seu memorial”, com suas experiências na prostituição. Os resultados da pesquisa, que lhes foram entregues após dois anos de encontros, foram recebidos com grande alegria: “é um livro”, ela afirmou. Nesse sentido, o vínculo etnográfico aparece como uma forma de mediação cultural⁷ em que elas também estão interessadas.

É nesse contexto, em que se percebe a intenção de colocar-se em discurso e deixar um registro de sua própria existência, que a construção dos relatos pelas entrevistadas, então, deve ser compreendida. A construção das narrativas das pesquisadas, aqui, foi entendida com *trabalho da memória* (BOSI, 2007), em que as experiências vividas são ressignificadas. Concordo com Ecléa Bosi, que contrapõe a memória da pessoa idosa à memória dos jovens: enquanto, para os últimos, a rememoração é uma fuga dos afazeres cotidianos, para os primeiros, lembrar seria um trabalho de reconstrução (BOSI, 2007, p. 60). Parto da idéia de que os relatos se aproximam mais da criação que da representação, na medida em que revelam a agência dos sujeitos⁸, tanto no momento da ação rememorada, como na narrativa que reformula o sentido da experiência vivida. As narrativas cumprem o papel político de exaltar a capacidade de permanente reinvenção de si, ao mesmo tempo em que recuperam uma memória social. Nesse sentido, o caráter construído dos discursos, ao contrário de invalidar as narrativas como método, torna-se um valioso dado de análise.

Entretanto, sabe-se, com Bourdieu, dos perigos da *ilusão biográfica*, da premência de “dar sentido” às narrativas de histórias de vida, da busca de uma “coerência” na totalidade dos relatos, às custas da riqueza do real, sempre evitado de contradições e multiplicidades. Como esse autor destaca, se observam, em pesquisas com histórias de vida, a

⁷ O papel do pesquisador social pode ser assimilado ao de “mediador cultural”, que Gilberto Velho descreveu como “papel desempenhado por indivíduos que são intérpretes e transitam entre diferentes segmentos e domínios sociais” (VELHO, 1999, p. 81).

⁸ Como formulado por Miguel Olivar, em sua etnografia sobre as trajetórias de prostitutas de Porto Alegre: “As maneiras como elas lembram e narram suas vidas é uma forma radical de ‘agenciamento’ (Ricoeur, 1994, Veena Das, 2007, Rocha e Eckert, 2000; Eckert 1998)” (OLIVAR, 2010, p. 54-5).

[...] propensão [do/a pesquisado/a] a tornar-se **o ideólogo da própria vida**, selecionando, em função de uma intenção global, certos acontecimentos *significativos* e estabelecendo entre eles conexões para lhes dar coerência [...] (BOURDIEU, 1996, p. 184, grifo meu).

Bourdieu alerta para o perigo de o pesquisador ser levado a aceitar, inadvertidamente essa “criação artificial de sentido”. No exercício interpretativo que proponho para esse artigo, a partir dos dados de campo da pesquisa de mestrado que realizei entre 2010-2012, busco privilegiar, em vez de “traçar seu retrato coerente” (LAHIRE, 2003, p. 21), compreender quais significados são enfatizados pelas próprias entrevistadas, e o que esta ênfase pode significar, em termos da reinvenção da própria história de vida, calcada em estratégias de posituação do passado vivido em condições de estigmatização social.

A “época de Ouro” e as “mulheres classe A”

As mulheres com as quais conversei compartilham o mesmo pressuposto: o de que o período entre a década de 1960 e o início da década de 1980, em que participaram mais ativamente da zona de prostituição do Farol, teria representado a *época de ouro* da prostituição em Fortaleza. Sobre esse período, as mulheres se referem, saudosas, à prodigalidade dos clientes, à riqueza nos trajes e aos aspectos da sociabilidade festiva vivida na zona.

O imaginário de uma época de ouro da zona de meretrício, resumido pelas entrevistadas na expressão “o tempo bom do Farol”, pode ser melhor compreendido a partir de uma série de fatores subjetivos e sócio-históricos. Do ponto de vista individual, a vivência do período por vezes aparece, nas falas das entrevistadas, como uma experiência privilegiada. Apesar da inconstância dos ganhos diários, as entrevistadas tiveram, cada uma a seu modo, a oportunidade de participar do mundo do consumo. Tratava-se de mulheres que, vindas do interior, haviam se deparado com os hábitos urbanos, e com o frenesi da modernização da capital⁹. Chegaram a viajar em aviões e tiveram acesso a produtos importados, experiências na época só acessíveis aos mais ricos. As próprias características do movimento na zona portuária favoreciam o

⁹ Este período, e a modernização de Fortaleza, estão descritos no livro “Brotinhos e seus problemas”, de Lídia Noêmia Santos.

comércio sexual, com o grande fluxo de marítimos. Os pescadores também representavam uma clientela atrativa, pois conheciam tempos de abundância, com o comércio da lagosta¹⁰. Relembrando essa “época de ouro”, a entrevistada Dorinha enumera algumas das casas de prostituição da antiga zona do Farol - Mule Ruge, Bar da Saionara, em que só trabalhavam “mulheres classe A”.

Esse contexto fornece o cenário para um mito de origem, que tem como início a expulsão dos casebres no Mucuripe e o estabelecimento das mulheres na área precária do Serviluz, mediante indenizações irrisórias do governo do Estado - e segue com o florescimento de uma zona de meretrício próspera. Nas décadas citadas, a rua principal do bairro, apinhada de boates, ganhava a denominação de a “Las Vegas” do Ceará (NOGUEIRA, 2007, p. 56). A prosperidade do período ganha muita importância nos relatos, em que as mulheres comparam a “sua época” na prostituição com o cenário atual do Serviluz:

Se eu disser pra você, que tem idade de ser a minha neta, se eu disser pra você que eu tenho arrependimento de ter me prostituído... Na minha época, não. Hoje, eu não aconselharia. Eu não me arrependo de nada. Porque os homens tratavam bem, eram carinhosos, atenciosos, davam dinheiro à gente... A gente achava dinheiro nesse Farol como quem acha bagana de cigarro. Levavam a gente pra bons restaurantes, entendeu? Tratavam a gente como um ser humano. Hoje não. As mulheres só andavam de penteado, vestido longo... Sentavam quatro mulheres numa mesa, se chegassem quatro homens, um daqueles homens simpatizasse comigo, ele se levantava, me chamava pra dançar, ou me chamava pra ir pra mesa dele... Hoje não, as mulheres tem que correr atrás... [GLÓRIA].

Naquele tempo, mulher luxava. Eu, quando eu vesti um vestido de fazenda comprada no Brasil, eu chorei. Chorei, filha. Que eu só vestia roupa comprada nos exterior. [NOVINHA]

¹⁰ No início da década de 1970, a imprensa local divulgava projeções otimistas para as exportações de lagosta. “A euforia toma conta de todo brasileiro, e já se diz que nosso país será o Japão da década de oitenta”, afirmava a coluna de Negócios do jornal Correio do Ceará, em 27 de dezembro de 1971. A perspectiva favorável, contudo, mostrou-se equivocada, tendo em vista que a exploração indiscriminada do crustáceo causou o esgotamento deste recurso pesqueiro.



Figuras 2 e 3: Maria Angelina. Fonte: arquivo pessoal da entrevistada.

Então, meu dinheiro: eu luxava, eu tinha meu vestido da noite, tinha meu vestido de ir fazer minhas compras, e tinha sempre meu dinheiro na caixa, né? Eu gostava muito de jóias. Usava mesmo o ouro, mesmo.

[DORINHA]

Lá onde eu morava, na boate, a gente usava muito o vestido *suarê*, um vestido bem comprido, muito bonito as roupas que a gente usava. Fazia com cetim de algodão, seda pura, organdi, tudo tecido bom, coisa boa. Eu tinha uma costureira. Eu também tinha *lavadeira*, nós tudim tinha... [MARIA ANGELINA]

A descrição de um “tempo bom” contrasta, nas falas, com as opiniões emitidas sobre a realidade atual da prostituição praticada nos bares do bairro - encarada, pelas idosas, como *promíscua* e *decadente*. Como destacado anteriormente, as falas primam por uma construção de significado para a trajetória pessoal, e esse processo se dá no sentido de uma positivação e legitimação do vivido. Assim, enquanto tecem suas reminiscências e observam a atualidade, as pesquisadas produzem classificações sobre si e sobre as

outras, e vão se erigindo como um coletivo moral. A fala da Dorinha resume bem a opinião das ex-prostitutas entrevistadas sobre as atuais *profissionais do sexo*:

E hoje você vê, o que eu percebo, não existe mais aqui no Serviluz prostituição, é, pessoas que vivem da prostituição que dê dinheiro não, porque hoje tá tudo uma promiscuidade. As mulheres, tudo menina nova, com o bucho dependurado, as meninas que a roupa que passa o dia passa a noite, umas criaturas que ficam muito a desejar, entendeu. Algumas que se ajeitam mais vão lá pra Beira-Mar, mas as daqui mesmo, a rua cheia de lama, aquela coisa muito diferente. Mulher não dizia palavrão, mulher não se agarrava no meio da rua, viu? E hoje... Estranho. Eu sou conservadora. Eu sou muito conservadora, em todos os sentidos, eu posso te dizer. Eu sou muito agarrada às raízes, viu? [...] Eu não sei pra onde a mulher caminha. Parece que a mulher ganhou liberdade, e ela ficou tão patética, que ela não sabe que é que faça com essa liberdade. Parece os escravos, que quando foram libertos, ficaram tudo doido, viu? Porque a mulher ganhou liberdade, a primeira coisa que ela quis, foi logo tirar a roupa, e não é por aí! Eu vejo assim. Desde mocinha que eu sou assim. Eu acho e tenho certeza, eu não acho só, como tenho certeza, que a mulher, a mulher sempre sofreu preconceito, da sociedade, dos homens... A gente continua, ainda, com esse preconceito, porque a gente não conseguiu tudo ainda não. Estamos "em vias de". Mas, a mulher, se ela se resguarda, se ela se dá o respeito, ela ganha respeito. Hoje você vê mulher que é casada, a mulher casada, namora, bebe, o marido viaja, a mulher sai pras noitadas. Eu fico assim, sabe? Porque eu tenho um conceito, eu tenho um conceito sobre a mulher, uma coisa assim muito séria, de respeito, de se valorizar!

A minha filha, já. A minha filha veste umas roupas que eu digo pelo amor de Deus, menina, olhe. Se tu for subir num ônibus, o cara perguntar quanto é, tu não diz nada não, viu, tu não fica com raiva não. Aquela história do 'quanto é'. Porque quem vê pensa que é prostituta, 'quanto é, minha filha'. Aí ela começa a rir, nem liga. [DORINHA].

As considerações se voltam não só para as prostitutas, mas para o conjunto das mulheres jovens de hoje: as casadas e a geração da qual a filha faz parte. A "decência" da prostituta no vestir é destacada em falas como: "[vestido] de fazer salão era acima do joelho um pouquinho. Naquele tempo, mulher não andava nua não! Teve um tempo que usava muita roupa longa. Teve um tempo que usavam muito!" [NOVINHA]. Da mesma forma, as entrevistadas destacam que as práticas sexuais, eram mais restritas:

Porque hoje, né, é tudo liberal... Mas naquela época, se tinha, era muito oculto, a mulher que fazia... sabão¹¹, né? Você sabe... Mulher que fazia sexo oral, anal, se tinha, era uma coisa velada, escondida. Os homens eram cavalheiros, tratavam a gente tão bem. Se ele levasse a gente num restaurante, ele abria a porta do carro pra gente sair. Eram cavalheiros. Era outro sistema. [GLÓRIA].



Figura 4 Augusta, em foto da década de 1960, usando um modelo de traje soirée.
Fonte: arquivo da entrevistada

Assim, as entrevistadas constroem o sentido de uma prostituição digna, assimilada àquela que foi praticada por elas, *mulheres classe A*, enquanto identificam como promíscuas as práticas de prostituição atuais.

As “perigosas” mulheres do Curral

Na época em que as entrevistadas dessa pesquisa exerceram o meretrício, a zona do Farol não era de forma alguma o único espaço de prostituição da cidade. Nas casas de meretrício localizadas nos espaços conhecidos como Arraial Moura Brasil e “Curral”, em uma área próxima ao Centro de Fortaleza, mas não tão privilegiada como as ruas centrais do comércio, instalava-se o baixo meretrício, em que os serviços sexuais, segundo as entrevistadas, eram praticados a preços menores que aqueles cobrados no

¹¹ “Fazer sabão” é uma expressão local para se referir ao sexo entre mulheres. É usada de forma pejorativa.

Farol. Nas representações das mulheres que viviam na zona de meretrício do Farol do Mucuripe, o “Curral” era local considerado inferior.



Figura 3 Mapa com as áreas em que o meretrício se concentrava na cidade. Em *laranja*, o bairro Moura Brasil (antiga zona do Curral). Em *verde*, quadrilátero que concentrava a maior parte das casas de prostituição do Centro da cidade nas décadas de cinquenta e sessenta. Em *vermelho*, a região do Mucuripe onde houve muitos prostíbulo antes da retirada das casas para construção de uma grande avenida. Em *lilás*, parte do bairro Serviluz, onde moram as entrevistadas e onde existiu a zona de meretrício do Farol. As distâncias aproximadas são de 10 quilômetros, entre Moura Brasil e Serviluz, e de três quilômetros, entre Mucuripe e Serviluz.

A zona de prostituição localizada no bairro Arraial Moura Brasil, dividida nas áreas conhecidas como Curral das Éguas, Cinzas e Oitão Preto, resistiu por pouco mais de três décadas, até que os casebres da região foram desapropriados, visando à construção da avenida Presidente Castelo Branco, que foi inaugurada em 1973. A maior parte das mulheres que ali se localizavam foram então transferidas para os arredores do Farol do Mucuripe. As mulheres do Curral não foram recebidas por suas companheiras da zona do Farol sem maiores reservas. Pelo contrário, a chegada das mulheres paupérrimas fez com que as meretrizes do Farol acionassem, contra as recém-chegadas, um amplo leque de estigmatizações. A presença das mulheres do Curral mobilizava, entre as mulheres do Farol, sentimentos de reprovação e de medo. Tidas como *promíscuas* e violentas, as prostitutas do Curral representavam, com sua migração forçada para a zona do Farol, o risco de uma *contaminação* simbólica.

As representações das prostitutas do Farol a respeito das mulheres do Curral podem ser melhor compreendidas à luz das discussões da antropóloga Mary Douglas (2010) sobre ordem e o perigo da contaminação. Douglas

escreve sobre o hábito de evitar a sujeira, observável tanto em culturas primitivas como na sociedade ocidental atual, e defende que este comportamento está ligado, em última instância, ao respeito às convenções. Segregando pessoas ou objetos que representam alguma possibilidade de contaminação, estaríamos agindo para preservar a ordem social. A *mistura* com as mulheres do Curral, para utilizar uma expressão comum nas falas das entrevistadas, representava, assim, a ameaça da desordem.

Porque aqui, antes de vir as mulher do Curral pra cá, aqui era calmo. Mas depois, veio as mulher do Curral, e aí começaram a cortar umas às outra. Aí, eles cortava umas às outra [NOVINHA].

E elas vieram pra cá, né, tiradas de lá, botadas tudo pra cá, da Beira-Mar, e da Coassa, pra cá, e foi ficando densamente povoado pelas boates. Então, foi ficando muito pros lados. E aí quando foram fazer a [avenida] Leste-Oeste, que é que aconteceu: pegaram todo aquele baixo meretrício de lá, as Cinzas e o Curral. As Cinza e o Curral, eu não sei qual tinha as mulheres mais promíscuas, se uma ou se era a outra, eu sei que todas eram. Mulheres que brigavam, que cortavam, aquelas coisas perigosas, sabe? Roubavam e tudo. Aí pegaram aquela massa real e botaram pra cá. Quando botaram aquela massa pra cá, aí bagunçaram o coreto. Porque pelo menos antes eram mulheres selecionadas, né? Aí, o negócio ficou feio, né. E aí povoou mais ainda. E com a vinda, com o fechamento do porto de Camocim, né, e abriram aqui, aí aqueles trabalhadores do porto vieram tudo pra cá, com as famílias. Aí o Serviluz cresceu mais ainda, aí ficou aquela *mistura* só [DORINHA].

A ânsia diante da nova configuração da comunidade se revela nas oposições construídas no discurso de Dorinha: se, antes, moravam ali apenas mulheres *selecionadas*, a chegada das prostitutas do Curral instaura a desordem, por meio da *mistura* de antigas moradoras com personagens menos distintas. O conflito, da forma como é relatado pelas mulheres da zona do Farol, pode ser compreendido como a reação comum dos grupos *estabelecidos* (ELIAS, 2000) diante da chegada de novos residentes. Observando uma comunidade de periferia urbana, Norbert Elias constatou que grupos de moradores de longa data tendiam a estigmatizar grupos de recém-chegados na vizinhança (*outsiders*), enquanto se auto-representavam como humanamente superiores. Estes aspectos das relações estabelecidos-*outsiders*, observados por Elias nesta pequena comunidade, reafirmam seu caráter abrangente no

contexto estudado nesta pesquisa de mestrado. A construção de uma imagem positiva partilhada por todos os membros de um determinado grupo compõe o que Elias chamou de “um carisma coletivo comum” (ELIAS, 2000, p. 40). Essa forma de orgulho coletivo reverbera, ainda segundo Elias, na autoimagem de cada indivíduo da comunidade em questão. As narradoras que se identificam como fundadoras da zona de meretrício o fazem demonstrando orgulho, assinalando que estabeleceram seus comércios às custas de grandes esforços. No bairro inóspito, sem fornecimento de água encanada e onde a energia elétrica havia chegado apenas recentemente, construíram casas de meretrício que atraíam marítimos e fregueses de várias partes da cidade. Ter vivido esses tempos difíceis e ter contribuído para a criação de uma área que prosperou é, para as “fundadoras do Farol”, um dos aspectos que positivam sua autoimagem. O discurso dessas mulheres não poderia estar mais distante das representações vitimizantes sobre as prostitutas.

O “carisma coletivo” de que fala Elias se traduz, para as entrevistadas, em uma série de qualidades atribuídas às mulheres das casas de meretrício do Farol. As moradoras da zona portuária listavam, entre suas qualidades distintivas, um maior grau de refinamento cultural, dado pela convivência com os embarcações de diferentes nacionalidades. A sociabilidade na zona do Farol tinha como elemento importante alguns códigos de *elegância*, centrados no vestir-se, no perfumar-se e na discrição. A vestimenta não deveria ser vulgar, e comportamentos considerados escandalosos poderiam precipitar a expulsão das mulheres das casas de meretrício. Usar perfumes e tecidos importados eram refinamentos valorizados na zona do Farol, marcada então por um certo ethos cosmopolita, e pouco usuais na zona de meretrício conhecida como Curral Moura Brasil. Dorinha distingue, em suas memórias, os comportamentos das mulheres de cada um desses espaços, procurando marcar as diferenças entre os dois grupos:

Então, briga, aqui, tinha pouco. Só tinha briga quando vinha mulher lá da Cinza pra cá. Quando fechava lá a Cinza, de madrugada, elas vinham pra cá. Aí de madame daqui, mesmo, não brigava, não. Agora, tinha: tinha o Forró do Expedito, tinha o Forró da Zizi – a Zizi já morreu, tinha o Forró do Zé Vitalino, que o Zé Vitalino era o Forró da Bala, que era o mais, por assim dizer, o mais vagabundo mesmo, viu? Aquelas mulheres que bebiam cachaça...

As mulheres da Mule Ruge, do Bar da Saionara, eram as mulheres classe A. Não andavam na rua, só saíam de táxi, só tomavam uísque. Nem cerveja, nem Rum Montila, nem Bacardi. Era uísque [Dorinha, 2010].

Cumprido destacar que a *mistura* com as mulheres do Curral representava não apenas a ameaça de um contágio simbólico, mas também o aumento da concorrência por clientes e a perspectiva de menores ganhos. O problema da maior oferta de serviços sexuais se aliava ao fato de que os preços cobrados nas casas do Curral e do Moura Brasil eram inferiores, se comparados àqueles das casas do Farol. Descrevendo uma mulher vinda da *Cinza*, área próxima ao Curral, Dorinha lembra:

[tinha] aquela lourona, de saia justa, que essa loura, tem coisa assim que fica na memória. Ela era gorda. Eu acho que ela era da Cinza, e ela saía pra ganhar a vida fora, porque acho que ganhava melhor do que lá nas Cinzas [DORINHA].

A presença das prostitutas do Curral, da Cinza e do Arraial representava, portanto, um ataque ao monopólio dos clientes e ao autoconceito grupal das mulheres do Farol. Denegrir a imagem das recém-chegadas poderia ser um meio de distinguir-se do grupo considerado inferior. Tal atitude foi, neste período, fundamental à manutenção da autoimagem positiva das moradoras mais antigas da zona de meretrício do Farol. A grandeza relacionada aos “bons tempos”, no entanto, está perdida, como constata Dona Glória:

- A batalha de hoje é muito fraquinha.
- Hoje em dia, a batalha não tá mais nem dando pras novas, né, Glória?
- Tá nada. Tem mulher aí que não tá arranjando nem pra comer. [Conversa entre Glória e uma vizinha].

O sentido de luto pelos velhos tempos pode ser percebido entre as mulheres que dizem que, hoje, “o Farol se acabou”. Associando a queda da zona com a decadência moral que atribuem às mulheres de hoje, as entrevistadas se colocam em um lugar privilegiado, de conservação de valores tradicionais.

O “lado b” das “mulheres classe A”

Em sua etnografia em um contexto de prostituição urbana atual, Miguel Olivar constata a existência de um “espírito bélico”, que seria central nas

práticas dos personagens observados. O autor, que define a centralidade do clima de guerra como a principal conclusão de sua pesquisa, também afirma que essa disputa permanente não acontece entre blocos fixos, com personagens ocupando sempre os mesmos papéis. Assim, não havia uma rigidez nos papéis desempenhados pelas mulheres por ele observadas: “muitas vezes observava um corpo de puta virando censor moral, ou vice-versa” (OLIVAR, 2010, p. 49). É nesse aspecto específico que, embora em um contexto empírico distinto, suas observações também se aplicam às mulheres do Serviluz - na medida em que o autor propõe não assimilar as pesquisadas a identidades cristalizadas.

Pensar essa guerra como relação de perspectivas significa abrir possibilidades para sujeitos que não possuem uma univocidade monolítica e estável, mas que operam na prática com uma diversidade significativa de corpos e performances que, assim, seriam corporificação de ideias, imagens, emoções disponíveis no universo social. (OLIVAR, 2010, p. 49).

O autor chama atenção para o fato de que esta “guerra” também pode assumir o caráter de uma disputa de pontos de vista e perspectivas em uma escala intra-subjetiva. Desse modo, as entrevistadas podem incorporar várias perspectivas morais, ou posicionamentos diversos sobre as feminilidades e masculinidades, em diferentes pontos de suas trajetórias e das relações que engendram - com os clientes de outrora, com outras mulheres de sua época na prostituição, com as prostitutas atuais, e com as mulheres da geração atual.

Nas narrativas observadas, uma duplicidade temática torna-se importante: as mulheres que entrevistei, que sublinham em suas falas a superioridade moral da prostituição de outrora com relação às práticas atuais, também me apresentaram histórias com experiências sexuais bastante intensas. Há, em seus discursos, momentos de saturação sexual. Vale exemplificá-los com um dos episódios narrados. Um dia, quando tínhamos mais intimidade, dona Dircinha perguntou-me, novamente, minha idade, e perguntou se *podia* contar uma história. A narrativa começa com a descrição de um longo vestido branco, caracterizando a decência nos trajes da época, e em seguida dá ensejo à descrição de uma “noite de sorte”, em que a dona Dircinha atendeu a “onze japonês”:

Porque, daí, a pouco, encheu o lugar de japônês. Doze. Aí emendaram as mesas, lá, e ficaram. Aí, quando encheu a casa, que ficou todo mundo bebendo, aí ele me pegou no braço, e falou: “cabine?”. Me perguntando se eu ia para o quarto. Aí ele pediu a chave, e aí abriu o quarto, entrou, aí nós tivemos relação, né, bem ligeirim! [...] Quando o japonês foi saindo, aí a porta abriu de novo. Outro japonês, do grupo. Disse: “sim, vamo!”[imita um sotaque diferente]. E foi logo puxando meu vestido. Outro! Mais outro, e ao todo foram onze! Aí o último já tava muito embriagado. E eles iam saindo, porque o navio deles tava pra sair. [...] Eu queria que tu visse o monte de dinheiro. Aí eu enchi a gaveta. Aí as menina disse: “Dircinha, o que é isso? Tu não tá se sentindo mal, não?”. Aí o garçom foi, e disse: “que se sentir mal, pra ter relação com japonês! Aquilo nem piroca tem!”. Eu fiquei com onze! Eu não sei porque, mas japonês, quando o primeiro ia com uma, todos só ficavam com aquela. Os japonês, quando chegava assim, só me chamava “Misse Japon” [risos]. Eu tinha os olhos rasos, é porque hoje meus olhos estão doentes, e eu fazia as sobancelhas assim, pra cima. Todo dia eu fazia maquiagem. Fazia o olho como uma japonesa. Aí ele dizia: “Misse Japon!”. A vida da gente é... Ah, se eu for contar! Eu ganhei um dinheirão de japonês.[DIRCINHA]

Em um dado ponto do convívio com as entrevistadas, quando havia maior cumplicidade entre pesquisadora e pesquisada, tornavam-se mais frequentes as narrativas de práticas sexuais que se afastavam da imagem da prostituta *santa* descrita em outros momentos, e as pesquisadas empregavam outro tratamento aos discursos sobre práticas sexuais. Essa atitude não eliminava, no entanto, as afirmações de viés moral mais conservador. Na mesma tarde em que rimos com a história dos japoneses, Dircinha afirmou, comparando sua época na prostituição e a atualidade:

Sim, mas era muito bom naquela época, não existia esse negócio de roubo, era muito difícil existir o roubo. Mulher, ninguém via nem briga, naquela época. E hoje em dia a gente só vê é canalhismo, pornografia. Eu detesto pornografia. Antigamente, eu queria que você visse. [DIRCINHA]

Considerações finais

Como compreender, então, perspectivas tão divergentes enunciadas pelo mesmo sujeito? Voltando a Lahire, citado no início desse artigo, não é a intenção desse exercício interpretativo, nem deve ser a intenção de quem elege as histórias de vida como método, compor um “retrato coerente” do biografado. E, novamente, me aproximo de Olivar, em sua leitura de Marilyn

Strathern. A partir dessa autora, Olivar decide compreender os sujeitos de sua pesquisa admitindo que não são indivíduos - “aquele uno que só é divisível se doente, esquizofrênico” - mas “potências em relação” (OLIVAR, 2010, p. 49).

A partir dessa perspectiva, proponho pensar na subjetividade das entrevistadas não como algo unívoco, uma identidade fixa, mas como reflexo de relações sociais. O próprio projeto de rememoração e reelaboração de si, que perpassa a construção das narrativas, é indicativo de que a imagem da prostituta promíscua é, para elas, algo que precisa ser manipulado e afastado da imagem pessoal. As narrativas também revelam, nessa necessidade de positivação, o quanto as memórias em questão são socialmente invisibilizadas. A narrativa, em que pese sua dimensão pessoal, reflete um conjunto de relações sociais, entre homens e mulheres, e entre gerações, assim como os conflitos entre o conjunto da sociedade e as mulheres da zona de meretrício.

Referências bibliográficas

ANJOS JÚNIOR, Carlos Silveira Versiani dos. **A serpente domada**: Um estudo sobre a prostituição de baixo meretrício. Fortaleza: UFC, 1983.

BOURDIEU, Pierre. A Ilusão Biográfica. In: AMADO, Janaína, e FERREIRA, Marieta de Moraes (Org.) **Usos e Abusos da História Oral**. Rio de Janeiro: FGV, 1996.

DOUGLAS, Mary. **Pureza e perigo**. São Paulo: Perspectiva, 2010.

ELIAS, Norbert. **Os estabelecidos e os outsiders**: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.

Negócios. *Jornal Correio do Ceará*, 27 de dezembro de 1971, p. 11.

NOGUEIRA, André Aguiar. **Fogo, vento, terra e mar**: migrações, natureza e cultura popular no bairro Serviluz em Fortaleza (1960-2006). 2006. 155p. Dissertação de Mestrado em História Social. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Disponível em: http://www.sapientia.pucsp.br/tde_arquivos/3/TDE-2007-04-09T08:51:41Z-2892/Publico/HIS%20-%20Andre%20Aguiar%20Nogueira.pdf

_____. **Fogo, vento, terra e mar**: A arte de falar dos trabalhadores do mar. São Paulo: Secretaria de Cultura Esportes e Lazer do Município de Caçapava, 2007.

OLIVAR, Miguel. **Guerras, trânsitos, apropriações**: políticas da prostituição feminina a partir das experiências de quatro mulheres militantes em Porto Alegre. 2010. 385 pp. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Programa de

Pós-Graduação em Antropologia Social (PPGAS), Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2010.

PINHO, Érika Bezerra de Meneses. **“O tempo bom do Farol”**: transgressão, sociabilidade e afeto nas trajetórias de ex-prostitutas idosas. 2012. 238 f. Dissertação (mestrado em Sociologia) – Centro de Humanidades, Departamento de Ciências Sociais, Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2012.

_____. **No amor e na batalha**: memórias afetivas de mulheres prostitutas. 2006. Monografia (bacharelado em Comunicação Social) – Centro de Humanidades, Departamento de Comunicação Social, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2006.

_____. ; PAIVA, Antônio Cristian e SOUSA, Francisca Ilmar de. **Memórias de mulheres e amigos**: interesse e afeto no meretrício de Fortaleza (1960-1980). In: REUNIÃO BRASILEIRA DE ANTROPOLOGIA: DESAFIOS ANTROPOLÓGICOS CONTEMPORÂNEOS. 28ª. 2012. PUC/SP. Anais da 28ª RBA. São Paulo/SP, 2012.

SÁ, Leonardo Damasceno de. **Guerra, mundo e consideração**: uma etnografia das relações sociais dos jovens no Serviluz. 2010. 283 pp. Tese (Doutorado em Sociologia) – Programa de Pós-Graduação em Sociologia (PPGS), Universidade Federal do Ceará, 2010.

SANTOS, Lídia Noêmia. **Brotinhos e seus problemas**: juventude gênero na imprensa fortalezense da década de 1950. Fortaleza: Expressão Gráfica Editora, 2011.

SIMMEL, Georg. **Questões fundamentais da sociologia**. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

VELHO, Gilberto. **Projeto e metamorfose**: antropologia das sociedades complexas. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.